

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

«Com tinta do meu sangue» Redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano

Maíra Ines Vendrame

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil)

Abstract Seeks to reflect upon the shifting strategies and family reunification through the letters of the Italian immigrant Paul Rossato. Seeks to highlight the importance of these sources to grasp the complexity of the migration experience to Brazil and understand how they allow you to track the expectations and choices of actors before and after the migration experiences. The argument is that the overseas, immigrants, through the establishment of 'ink bridges', called the destination to the source, allowing, in the last decades of the nineteenth century, the movement of information, objects and people.

Sumário 1 Reflexões necessárias. – 2 Pontes de tinta e papel.

Keywords Letters. Networks. Immigration.

Caríssimo pai

«...as cartas que lhe mando escrevo-as de minha consciência, e com tinta de meu sangue...».¹

Seguindo o caminho aberto por muitos conterrâneos, nos últimos meses do ano de 1883, o italiano Paulo Rossato, 29 anos, decidiu abandonar a pátria e se transferir para o Brasil. Residente na comuna di Valdagno, Província de Vicenza, norte da Península Itálica, o referido partiu para o sul do Brasil acompanhado da esposa, Raquel Massignani, 23 anos, e outros conhecidos, certamente atraído pelas notícias que chegavam à comuna di Valdagno sobre as oportunidades e vantagens que podiam ser encontradas. Na pátria de origem permaneceram os pais, os irmãos e parte da ampla parentela.

Desde os primeiros anos Setenta do século XIX, a província mais meridional do território brasileiro, o Rio Grande do Sul, havia começado a receber grupos de imigrantes italianos para ocupar as áreas destinadas à

1 Trecho da carta de Paulo Rossato ao pai, de 22 de Junho de 1884 (De Boni 1977, 53).

colonização europeia. Em terras consideradas pelo Estado como devolutas, foram fundados os primeiros núcleos coloniais. Assim, a partir de 1875, o local passaria a receber os primeiros grupos de famílias camponesas originárias do norte do recém-unificado Estado Italiano. Rossato, a esposa e alguns que o acompanhavam chegaram ao lugar em Janeiro de 1884.

Não muitas semanas depois que se instalou na colônia Caxias, Rossato passou a escrever aos familiares distantes, informando-os sobre a transferência e a realidade encontrada no além-mar. Ao saudar e informar os parentes que haviam ficado na *comuna* de origem, o imigrante salientava que sua partida fazia parte de um projeto coletivo de transferência, sendo ele o primeiro da família a fazer isso. Entre os anos de 1883 a 1885, Paulo Rossato emitiu um total de dezassete cartas aos pais e irmãos que se encontravam na Itália.² Através de tais escritos, procurou construir uma ponte de tinta e papel³ por onde circulariam orientações e esclarecimentos aos parentes distantes. Nesse sentido, por meio da constituição e manutenção dos circuitos de comunicação, foi possível viabilizar tanto a transferência de objetos e produtos, como também dos parentes e conhecidos, conforme iremos destacar no presente trabalho.

Depois de um ano de preparação, em Janeiro de 1885, os pais de Paulo Rossato, acompanhados dos outros filhos, chegaram à região colonial. Além das encomendas, na mala trouxeram as cartas escritas pelo filho. Estas poderiam ser utilizadas como recurso de certificação, ou seja, ao serem mostradas às autoridades - italianas ou brasileiras - forneceriam comprovação de que havia parentes esperando por eles no local de destino.

Entende-se que as cartas emitidas pelos imigrantes, a exemplo das escritas por Paulo Rossato, possibilitam conhecer e indagar sobre os mais diversos aspectos das sociedades de origem e de destino. Além disso, são fontes importantes para compreender como foram sendo organizadas as transferências para o além-mar e as dinâmicas do movimento migratório. As correspondências escritas em ambos os lados do Atlântico permitem analisar, portanto, o desempenho ativo dos sujeitos que, nas últimas décadas do século XIX, optaram pelo caminho da imigração.

1 Reflexões necessárias

Apenas nas últimas décadas do século XX, as cartas passaram a ser utilizadas pelos historiadores para se estudar o fenômeno da imigração italia-

2 As dezassete cartas emitidas aos pais e irmãos que se encontravam na Itália estão publicadas na obra *La Mérica*, organizada pelo pesquisador Luis De Boni 1977.

3 A expressão *puentes de papel* foi utilizada por Verónica Sierra Blass 2004 em artigo em que analisa o papel das escrituras populares na emigração para além-mar desde os anos finais do século XVIII até os anos Sessenta do século XX.

na para a América. Diários, memórias e correspondências de imigrantes permitiram não apenas acompanhar as escolhas específicas, mas também interrogar sobre os anseios e projetos particulares das famílias imigrantes. Para além das experiências individuais, as trajetórias e escolhas de um ou mais imigrantes permitiam propor novas questões para se entender de que forma o movimento migratório foi se articulando e crescendo a partir do envolvimento espontâneo das pessoas que já haviam partido ou tencionavam partir. As mobilidades provocaram uma ampla e ativa troca de correspondências entre os imigrantes e seus parentes, as quais, sem dúvida, tiveram fundamental importância no impulso aos deslocamentos, desempenhando «papel decisivo na produção, reprodução e modificações que passaram a experimentar as correntes migratórias» (Blass 2004, 138).

Analisando as cartas trocadas entre membros de uma família do Piemonte e os conterrâneos que haviam imigrado para a América do Sul e do Norte, Franco Ramella (2001, 1988) e Samuel Baily (1988) se dedicaram a estudar os mecanismos de transferência e integração. Já pensando a imigração italiana na América Latina, Emilio Franzina (1979) apresentou no livro *Merica! Merica!* uma relação de cartas de camponeses vênéticos e friulanos escritas entre 1876 a 1902, período definido como da 'Grande Emigração'. Além dos referidos, destacam-se ainda os trabalhos de Antonio Gibelli e Fabio Caffarena (2001), voltados para a análise das escrituras populares. Tais estudos têm permitido compreender a variedade de usos e funções dos documentos atribuídos aos imigrantes, contribuindo para o esclarecimento de questões difíceis de serem percebidas e problematizadas através de outra tipologia documental.⁴

Em relação à imigração italiana para o Brasil, temos os trabalhos de Franzina (1979), Rech (1996), Perco (2006) e Croci (2010).⁵ Enquanto recurso para reunir as pessoas aparentadas que se encontravam em ambos os lados do Atlântico, as correspondências foram usadas como estratégias eficazes, propiciando a constituição de redes migratórias entre um ou diferentes locais na Península Itálica e um mesmo lugar de destino. Tanto a constituição quanto a eficácia de tais tramas sociais dependiam da proximidade parental, afinidades e vínculos de confiança existentes entre as pessoas (Vendrame 2016).

4 Outros estudiosos têm utilizado as correspondências para analisar as diferentes dinâmicas do processo migratório. Ver: Ciafardo 1991, Molinari 1999 e Franchini 2012. Além dos estudos voltados para a compreensão do fenômeno da imigração italiana, outros trabalhos, como os produzidos por pesquisadores espanhóis, têm oferecido contribuições significativas a partir das análises realizadas com correspondências. Sobre isso, ver: Blass 2004; Caffarena, Martín 2012.

5 Estudando os imigrantes portugueses no Brasil, Maria Izilda Santos de Matos (2013) tem-se dedicado a analisar, através das correspondências, os sentimentos e contatos entre os indivíduos separados pelos deslocamentos.

O presente trabalho está analisando as cartas emitidas por Paulo Rossato aos familiares na Itália. Considera-se esse material de singular importância, uma vez que, através dele, é possível perceber a eficácia das orientações transmitidas e o quanto essas poderiam ser utilizadas enquanto vantagens pelas famílias camponesas para organizar a transferência e a instalação nos locais de destino. O deslocamento de pessoas de um lado do Atlântico para o outro, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX, ocasionou grande circulação de cartas, fotografias e objetos dos mais variados. Como salientou Antonio Gibelli (1989, 88), o fenômeno da emigração é considerado um dos mais potentes produtores de escritura de todos os tempos, tendo provocado grande busca por parte dos iletrados, que demandavam o recurso da escrita.⁶

2 Pontes de tinta e papel

O afastamento da terra natal, por parte dos imigrantes, não significou um total rompimento com a parentela. As transferências fizeram intensificar a escrita de cartas, o que auxiliou na manutenção dos contatos, revelando-se ainda como eficiente recurso para dar sequência às transferências. Apesar de termos apenas uma parte das correspondências, aqui no caso as remetidas pelo imigrante Paulo Rossato, é possível apreender as inquietações e demandas das famílias, pois tais documentos são produtos diretos das próprias experiências de deslocamento. As correspondências indicam que o processo migratório foi articulado por algumas famílias, o que reflete a existência de um projeto coletivo pensado e, conseqüentemente, rearticulado após a partida de um ou mais indivíduos.

Em Dezembro de 1883, assim que chegou ao Rio Grande do Sul, o imigrante Paulo Rossato, em carta aos pais, afirma que, «antes da partir para a América, parecia que partiríamos para o desespero». No entanto, ao chegar o local de destino, havia encontrado «cidades como na Itália». E, por ser verão, podiam comer «melancias, uvas, figos, laranjas».⁷ As semelhanças em relação aos locais de origem, somadas às vantagens percebidas na abundância de recursos naturais, como a terra, e principalmente na fartura de alguns alimentos, são apresentadas como aspectos positivos que deviam tanto justificar as escolhas pela transferência quanto atrair novos imigrantes.

Segundo Rossato, no momento em que havia chegado à região colonial, «havia 1.400 habitantes entre italianos e tirolezes, e pensavam formar uma

6 Sobre a relação entre o fenômeno migratório e a produção de cartas, consultar: Gibelli 1989, Molinaril 1999 e Blass 2004.

7 Carta de Paulo Rossato aos pais, em 23 de Dezembro de 1883 (De Boni 1977, 29-30).

nova Itália», tendo já constituído um povoado semelhante ao abandonado na península. Procurando convencer os que haviam ficado na *comuna* de origem a emigrar o mais rápido possível, Rossato afirma que «todas as festas da Itália são festas também aqui». Também podiam desfrutar de outras vantagens caras aos camponeses na península: a possibilidade de portarem armas na cintura e disporem de um ou mais cavalos como meio de locomoção.⁸ Tais benefícios eram destacados nas cartas como forma de atrair os familiares.

Nota-se que as descrições realizadas por Paulo Rossato tinham por objetivo garantir a transferência dos pais, parentes e conhecidos para a região colonial. Também estava empenhado em fortalecer as bases de apoio entre os conterrâneos no além-mar, permitindo a constituição de bases de agregação sólidas. Frente às mudanças e rupturas que o processo migratório ocasionava, fez-se presente a preservação de certos costumes que caracterizavam o universo camponês. Por conta disso, houve um empenho, por parte dos atores dos deslocamentos, em manter o contato com os indivíduos que haviam permanecido na terra de partida.

Inicialmente, além de informar como havia transcorrido a viagem, Rossato declara que por «800 mil réis compramos uma colônia, ficando uns próximos aos outros».⁹ O referido imigrante e outros conterrâneos optaram por comprar uma área de terra de proprietário particular, garantindo alguns privilégios, como, por exemplo, a possibilidade de escolher o local onde se instalar, ficando próximo aos vizinhos com os quais mantinha laços de afinidades. As escolhas tomadas por Rossato em relação à preparação do solo e cultivo são informadas de forma detalhada ao pai, procurando compartilhar com o grupo familiar distante as decisões que estava tomando. Ao fazer isso, busca aprovação dos pais ausentes, reforçando ao mesmo tempo o seu envolvimento no projeto coletivo de garantir oportunidades de trabalho e reprodução do grupo no território sul-rio-grandense. Nesse sentido, Rossato afirma: «estou ansioso que venham meus irmãos e toda a família. Lá éramos servos e aqui somos senhores. Se pudessem ter vindo todos comigo, seríamos afortunados, e teríamos ganho muito dinheiro em pouco tempo». As iniciativas tomadas nos locais de instalação se davam também em nome de um grupo que, no momento, se encontrava separado geograficamente. Esse é um dos valores morais que regiam as escolhas das famílias imigrantes.

Lamentando o fato de os pais e irmãos não estarem na região colonial, Rossato declara que esperava que no «próximo ano cheguem todos aqui. Tratem, porém, de vir o mais rápido possível. Se estivessem aqui no mês de Agosto, ajudariam a fazer a colheita do milho». Além disso, indica como

8 Carta de Paulo Rossato aos pais, em 17 de Fevereiro de 1884 (De Boni 1977, 32-4).

9 Carta de Paulo Rossato aos pais, em 17 de Fevereiro de 1884 (De Boni 1977, 32-4).

poderiam se organizar em relação ao trabalho: «meu pai e outro ficariam na colônia, para construir a casa e cuidar do trabalho na terra, e outros três iriam para o trabalho na estrada».¹⁰ Comunicar a existência de terras, local de instalação e trabalho para todos os membros do grupo era uma forma de estimular os deslocamentos familiares. Através das correspondências, Rossato também se comprometia em garantir benefícios aos conhecidos, incentivando-os a emigrar:

Se o tio Pedro quiser vir, que venha, pois há terra também para ele e creio que para ele seria o suficiente 1/4 de colônia. Escrevi ao Luciano e para Madalena. Se quiserem vir, então que se encaminhem para cá, pois vive-se aqui melhor que na Itália, sem patrões. E quando alguém quer mandar, deve também pagar para tanto. Digam ao meu locador, Antônio Massignani, que se quiser vir para a América, verá que pode viver melhor que em sua casa. Se vender o que tem aí, pode comprar e pagar aqui com pouco trabalho, e viveria como um senhor. A posição é boa, os ares melhores que na Itália e boa a água. Haveria uma colônia próxima à minha. Se pensa em vir, trate de escrever-me quanto antes, que lhe reservo a terra.¹¹

Os convites se espalham para além da parentela. O fornecimento de informações direcionadas para alguns conhecidos indica que, antes disso, houve a solicitação de esclarecimentos sobre os recursos e vantagens que poderiam encontrar junto aos compatriotas no além-mar. As cartas eram um canal de troca de notícias, fixação de acordos e comprometimentos privados entre os membros da família, mas percebe-se que a sua circulação ia além, atingindo vizinhos e outras pessoas. Certamente, a possibilidade de acionar tal recurso de comunicação propiciou o fortalecimento dos laços e a fundação de afinidades entre os indivíduos que se encontravam em ambos os lados do Atlântico. Com frequência Rossato procurava fazer com que seus escritos tivessem maior circulação entre a extensa parentela: «Façam ler esta minha carta junto aos parentes da família Lora e que A. Zanuso também a leia». Em outros momentos, contudo, solicitava que fossem as cartas guardadas e não mostradas a ninguém ou apenas entregues para alguns sujeitos indicados.¹²

Apesar de circular de forma desigual, eram as tramas de relações parentais e de afinidades dos indivíduos que conferiam maior credibilidade às notícias. Do Brasil partiam cartas que, às vezes, contradiziam as declara-

10 Carta de Paulo Rossato ao irmão, em 24 de Abril de 1884 (De Boni 1977, 35-6).

11 Carta de Paulo Rossato ao irmão, em 24 de Abril de 1884 (De Boni 1977, 35-6).

12 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 07 de Maio e 30 de Maio de 1884; carta ao irmão, em 18 de Abril de 1885 (De Boni 1977, 39-42, 47-8, 67).

rações dadas por Paulo Rossato. Sabedor desse fato, o imigrante orientava a confiarem apenas nas correspondências emitidas por ele, uma vez que «são a pura verdade». Aos familiares alertava: «as cartas que lhes mando escrevo-as de minha consciência, e com a tinta de meu sangue. E se não é verdade aquilo que lhes digo, podem então tomar um revólver e matar-me».¹³

Os laços de sangue eram uma condição que conferia maior legitimidade às notícias, devendo as pessoas acreditarem apenas nas cartas que circulavam pelas redes de confiança familiar e parental. Para se certificar da veracidade das informações, os camponeses deveriam conhecer o autor das cartas e as vias de circulação das mesmas. Para evitar serem enganados em relação aos preparativos da viagem de transferência, Rossato alertava os parentes a não se deixarem levar por falsas orientações, pois, nos jornais provinciais ou comunais, eram publicadas correspondências que passavam uma imagem negativa sobre as terras no além-mar. Tais escritos foram usados enquanto recurso para barrar novas transferências e para garantir o retorno daqueles que queriam voltar para a Itália, haja vista não terem tido experiências positivas nas terras brasileiras.¹⁴

Em vários momentos, Rossato anunciou aos parentes que havia lotes coloniais disponíveis para serem adquiridos próximos ao dele. Buscando organizar a rápida transferência da parentela, bem como respondendo aos frequentes pedidos de explicação sobre as terras coloniais, escreveu: «Querido pai, o mapa anexo dá uma pequena ideia do que seja a Colônia Sartorina [...]. É aí que compramos nossa colônia». Adquiridas de um proprietário particular, parte das terras estava já ocupada por famílias italianas, sendo sinalizados no mapa os lotes ainda disponíveis, sua extensão, proximidade de rios e estradas, bem como valor cobrado. «Se meu locador, tio Pedro e irmã Teresa querem vir, mostrem-lhes este mapa», pois estão assinaladas as colônias que estão desocupadas. Além desses, solicitava que fosse comunicado «meu cunhado Luís, que para ele há um lugar aqui. Para Pedro também. Que olhem minhas cartas e partam que sou um irmão de sangue».¹⁵

Pelo teor dessas cartas pode-se concluir que muitas famílias chegavam à região colonial de Caxias – e de outras no Rio Grande do Sul – com algum recurso econômico, pelos menos nas últimas décadas do século XIX. Este parece ter sido o caso da família Rossato que se estabeleceu em terras adquiridas de proprietários particulares. A possibilidade de escolher o local de instalação era vista como algo positivo, pois garantia vantagens em relação à produção agrícola, adaptação e assistência dos parentes e

13 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 22 de Junho e 7 de Julho de 1884 (De Boni 1977, 53, 59).

14 Para saber mais sobre essa questão, ver Vendrame 2016.

15 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 22 de Junho de 1884 (De Boni 1977, 51-4).

antigos conhecidos. Além disso, também permitia rápida constituição das bases agregativas, tendo por referência os símbolos de identificação e afinidades pretéritas fundados nas comunidades de origem.

A presença de antigos conhecidos e conterrâneos de um mesmo local de partida também viabilizava a conexão entre agregados de famílias que se encontravam em ambos os lados do Atlântico, conforme se pode perceber nas seguintes notícias:

Caríssimo irmão

[...] A Teresa, nossa irmã, escreveu-me, perguntando se há lugar para ela. Diga-lhe que ela, que tem dinheiro, nós a podemos colocar bem. Mas, se for possível, que venha junto com você, porque, quanto mais rápido ela vier, melhor será. E você vá até a Quarienta, e procure o pai de Penacio ou que ele vá a Valdagno para dizer-lhe que o filho encontra-se bem, e que não vê hora que chegue sua família e sua mulher. [...] Todos estamos bem e contentes e enviamos saudações à parentela dos Lora.

Na sequência, um indivíduo do grupo parental de Rossato também dá um recado:

Rogo-lhe, prezado cunhado, de procurar meu irmão Vitório Pretto, que talvez pense que seu irmão Francisco Pretto esteja mal, porque são já 7 meses que lhe enviei uma carta, e depois, de 4 meses, enviei outras 7 cartas, e não tive nenhuma resposta. Mas peço-lhe, cunhado, de fazer ver estas duas linhas a meu irmão Vitório Crestani, e diga-lhe que estou esperando [...] 2 machados.¹⁶

Nem todas as cartas deviam chegar ao seu destino ou, se chegavam, não havia interesse em abandonar a terra natal, pois o caminho da emigração era visto, muitas vezes, como uma escolha para fugir de certas obrigações e compromissos. A existência de disputas anteriores à transferência para a América provavelmente foi um dos motivos da não vontade de manter contato com certos familiares e parentes distantes. Enquanto mudança e recomeço, o caminho da emigração também deve ter sido encarado como estratégia de rompimento total com as pessoas deixadas na aldeia de origem.

Ao enviar saudações para «toda minha família», Rossato encaminha pedidos de «desculpas pelos incômodos de antes da partida» causados à irmã, cunhado e tios. Para com estes, manifesta certo ressentimento, declarando: «Vi-os na praça e fugiram. Agora não preciso mais deles, pois espero, com um pouco de paciência, ter mais do que eles. Saúde-os, e verão

16 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 14 de Junho de 1885 (De Boni 1977, 68-70).

que não os incomodarei mais».17 Essa mágoa deve ter sido resultante da falta de assistência financeira ou de palavras de incentivo no momento da partida de Rossato para a América, indicando ainda problemas anteriores de conflitos dentro de um mesmo grupo parental. Nesse sentido, a emissão de notícias positivas sobre as vantagens encontradas no sul do Brasil, bem como os auxílios encaminhados os parentes, aqui no caso por parte do imigrante Rossato, serviram também para que o mesmo se mostrasse aos parentes distantes com os quais havia tido algum dissabor.

Enquanto recurso autônomo acionado pelos próprios imigrantes, percebe-se que as cartas viabilizaram a constituição de cadeias migratórias. Como mencionado acima, algumas orientações eram destinadas apenas aos membros da família. No caso do imigrante Rossato, isso ocorria nas cartas em que orientava o irmão a se colocar como agente da emigração, sugerindo que o mesmo formasse um grupo de famílias para emigrar e estabelecesse comunicação com as empresas de navegação no porto de Gênova, a fim de organizar a transferência. Ao atuar como agenciador, o irmão poderia obter algum lucro financeiro e também conseguir, junto à agência de navegação, passagem gratuita para os membros da própria família.

Logo, as cartas que continham determinados conselhos não deveriam circular livremente entre vizinhos ou conhecidos. Orientações aos pais, conforme as mencionadas abaixo, tinham que ser mantidas em sigilo:

Em Gênova, se pudessem, arrancariam também o coração. E vocês, quando chegarem em Gênova, vão fazer as refeições em São Pedro della Rena: é um pouco mais longe, mas compensa [...]. Este é o endereço que me deu o comissário do navio, para que não fossem atrás de tantos velhacos. O custo da viagem é de 140 a 150 francos livre de carregamento. Que Antônio [irmão] escreva logo à companhia, dizendo que são 20 ou 30 passageiros que vão para a América, e pergunte qual é o último prazo para o pagamento. Escreva 2 ou 3 cartas e apresente-se como condutor, procurando o maior número possível de pessoas, porque ganhará 10 francos por pessoa indicada ao dono. Depois não se preocupe com a viagem, contanto que seja astuto.

Além das orientações para que o irmão se colocasse como 'condutor' de um grupo de indivíduos, Rossato aponta outra possibilidade de obter recursos financeiros para investir na viagem de transferência da família: a solicitação de empréstimo junto a conhecidos. Essa alternativa aparece como uma escolha seguida por muitos emigrantes que não tinham meios para pagar os custos com o deslocamento, conforme indica o próprio Ros-

17 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 22 de Junho de 1884 (De Boni 1977, 49-54).

sato.¹⁸ Durante a viagem para o Brasil, esse imigrante havia observado que algumas pessoas tinham obtido benefícios ao atuar como agenciadores. Informava que, para cada passageiro arrolado para embarcar para a América, o agente da empresa de navegação fornecia 10 francos.¹⁹ Antes da viagem, orientava os familiares para informarem que estavam indo para a Colônia Caxias: «Não digam nunca que vão para terras compradas do conde, porque senão eles não carregam as bagagens de vocês».²⁰

As situações observadas antes, durante e depois da viagem se tornaram informações preciosas que precisavam ser transmitidas aos parentes, para que assim aproveitassem da melhor forma possível as oportunidades, bem como evitassem imprevistos. Através das cartas emitidas por Paulo Rossato, percebeu-se o desempenho do mesmo enquanto mediador entre dois mundos. Atuando como articulador das transferências e instalação dos conterrâneos, ele ampliou seu prestígio entre familiares e vizinhos, o que deve ter-lhe permitido a obtenção de vantagens no campo material, pois era ele quem negociava a compra de lotes junto aos proprietários luso-brasileiros.

As cartas emitidas por Paulo Rossato sugerem que os laços parentais e as reciprocidades foram responsáveis por garantir uma série de vantagens, pois ele se colocou como um mediador entre os dois mundos; informou, orientou e assumiu responsabilidades com a parentela que almejava abandonar a pátria de origem, articulando as transferências de modo a torná-las mais seguras. Como muitos imigrantes, assim que chegou ao local de destino, Rossato passou a construir 'pontes de papel', com o objetivo de cumprir com o projeto de reunificação familiar e parental, firmados antes da partida para o Brasil.

As fontes analisadas no presente trabalho permitiram acessar as experiências dos atores que tomaram o caminho da emigração, indicando seus usos práticos. As cartas ativaram vínculos, compromissos e obrigações entre pessoas geograficamente afastadas, mesmo que, às vezes, passassem uma imagem negativa da realidade encontrada nas regiões coloniais. Independentemente das intenções dos autores das cartas e da potencialidade do conteúdo, elas são fontes indispensáveis para se analisarem as diferentes experiências migratórias a partir dos anseios e escolhas daqueles que optaram por tal caminho. Além disso, apresentam-se como documentação privilegiada para apreender o desempenho ativo dos indivíduos com baixo nível de instrução, como era a maioria dos camponeses italianos das últimas décadas do século XIX.

Finaliza-se chamando a atenção para o fato de que os estudos utilizando cartas ainda são poucos no Brasil, se comparados às pesquisas realizadas

18 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 29 de Junho de 1884 (De Boni 1977, 43, 44, 55, 56).

19 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 30 de Maio de 1884 (De Boni 1977, 47-8).

20 Carta de Paulo Rossato ao pai, em 24 de Outubro de 1884 (De Boni 1977, 61-2).

em outros locais, como os Estados Unidos e a Argentina. Nesse sentido, o presente trabalho pretendeu indicar a potencialidade das correspondências enquanto fontes privilegiadas para propor novos questionamentos e repensar os deslocamentos e mecanismos de integração dos camponeses italianos que vieram para a América nos séculos XIX e XX.

Bibliografia

- Bailey, Samuel; Ramella, Franco (1988). *One Family, Two Worlds: An Italian Family's Correspondence Across the Atlantic 1901-22*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Blas, Verónica Sierra (2004). «'Puentes de papel': apuntes sobre las esdrújulas de la emigración». *Horizontes Antropológicos*, 10, 22, 93-119.
- Caffarena, Fabio. «Introduzione». Caffarena, Fabio; Martín, Laura Martínez (a cura di) (2012), *Scritture migranti: uno sguardo italo-spagnolo. Escrituras migrantes: una mirada italo-sepañola*. Milano: FrancoAngeli, 9-21.
- Ciafardo, Eduardo (1991). «Cadenasmigratorias e inmigración italiana. Reflexiones a partir de correspondencia dos inmigrantes italianos en Argentina 1921-38». *Studi Emigrazione*, 28, 102, 233-55.
- Croci, Federico (2010). «As cartas de chamada: vestígios das redes sociais e familiares transnacionais». Carneiro, Maria Luiz Tucci; Croci, Federico; Franzina, Emilio (eds.), *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 299-321.
- De Boni, Luis Alberto (ed.) (1977). *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul; Porto Alegre: UCS; EST.
- Franchini, Giuliana di (2012). «Relazioni familiari e genere nelle corrispondenze d'emigrazione». Caffarena, Fabio; Martín, Laura Martínez (a cura di), *Scritture migranti: uno sguardo italo-spagnolo. Escrituras migrantes: una mirada italo-sepañola*. Milano: FrancoAngeli, 43-61.
- Franzina, Emilio (1979). *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini Veneti in America Latina 1876-1902*. Milano: Fertrinelli.
- Franzina, Emilio (1981). «Frammenti di cultura contadina nelle lettere degli emigranti». *Movimento Operario e Socialista*, 1(2), 49-75.
- Gibelli, Antonio (1989). «'Fatemi un po sapere...': scrittura e fotografia nella corrispondenza degli emigranti liguri». Gibelli, Antonio (a cura di), *La via delle Americhe: l' emigrazione ligure tra evento e racconto. = Catalogo della mostra*. Genova: Sagep Editrice.
- Gibelli, Antonio; Caffarena, Fabio (2001). «Le lettere degli emigranti». Bevilacqua, Piero; De Clemanti, Andreina; Franzina, Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore.

- Matos, Maria Izilda Santos de (2013). *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano São Paulo séculos XIX e XX*. Bauru (SP): Edusc.
- Molinari, Augusta (1999). «L'emigrazione ligure: fonti autobiografiche/memorie dell'identità». *Cahiers de la Méditerranée: Mémoire et identité de la frontière: étude des migrations de proximité entre les Provinces Ligures et les Alpes-Maritimes = Actes des journées* (Nice, octobre 1998), 58, 1, 7-17. URL: http://www.persee.fr/doc/camed_0395-9317_1999_num_58_1_1243 (2016-11-15).
- Perco, Daniela (2005). «'Arrivederci nella Valle di Josafat'. Scrivere a fine secolo fra le Prealpi venete e il Rio Grande del Sud». Brezzi, Camilo; Iuso, Anna (a cura di), *Esuli Pensieri. Scritture Migranti. Número monográfico de Storia e Problemi Contemporanei*. Bologna: Clueb.
- Ramella, Franco (2001). «Reti sociali, famiglia e strategie migratorie». Bevilacqua, Piero; De Clementi, Andreina; Franzina, Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore.
- Rech, Tamara; Rech, Marco (a cura di) (1996). *Scrivere per non dimenticare: l'emigrazione di fine '800 nelle lettere della famiglia Rech Checonét*. Quaderni nr. 13. Feltre: Libreria Pilotto; Editrice Feltre.
- Vendrame, Maíra Ines (2016). *O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: OIKOS.
- Vendrame, Maíra Ines; Karsburg, Alexandre de Oliveira; Farinatti, Luis Augusto; Weber, Beatriz (eds.) (2015). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: OIKOS. URL: <http://editoraoikos.com.br/files/Micro-Hist%C3%B3ria%20-%20E-B00K.pdf> (2016-11-16).